

CULTURA

DIRETOR RESP. — O DIRETOR DO COLÉGIO

GERENTE — O PRESIDENTE DO GRÊMIO

Orgão do Grêmio Literário Pe. José de Kuchieta — Colégio Valenciano São José

— Registrado sob. o n. 4 de acordo com o Decreto n. 18.542 —

ANO 6

Marquês de Valença, 5 de Setembro de 1951

NÚMERO 48

O Pontífice dos Pobres

MONSENHOR TOMÁS TEJERINA

Se as virtudes sacerdotais de Pio X brilharam durante sua vida de seminarista, de sacerdote e de bispo, adquiriram fulgor especial após sua elevação à Catedral de São Pedro; foram proverbiais, no augusto Pontífice, seu ardente amor à Eucaristia e zelo pela salvação das almas, sua humildade e sua pobreza.

Quando já Patriarca de Veneza visitava, sem qualquer pompa, a sua santa mãe que continuava morando na humilde casa de Riese, onde, no temor de Deus, educara 9 filhos.

Ao ser eleito Pontífice, como alguém lhe perguntara pelo título que desejava fosse concedido as suas irmãs, o papa respondeu: «título? Irmãs do Pontífice».

Logo após sua eleição para Vigário de Cristo, se uns antigos fregueses de Salzano quiseram beijar a mão e receber a bênção do seu antigo vigário; os Monsenhores do Vaticano puzeram alguns obstáculos, mas informado o Papa manda levar a sua presença os seus antigos e queridos fregueses. e juntos pai e filhos, choram de comoção e alegria, lembrando os felizes dias do seu paróquiato.

Seu amor à pobreza, conhecida de todos os que rodeavam ao augusto Pontífice, aparece consagrada em seu testamento, quando o Papa que tantas necessidades remediara e tantas lágrimas enxugara, pode escrever de si mesmo: «nasci pobre, vivi pobre e morro pobre; peço à Santa Sé que conceda a minhas irmãs a pensão de 300 lras mensais». Assim escreve, em seu testamento, um Pontífice no século XX. Os que

por ignorância ou má fé, falam das riquezas do Vigário de Cristo. Ielam o testamento de Pio X.

Esta bondade paternal e cativante humildade transformam-se em eloquente heroísmo para desmascarar os inimigos, quando se trata da glória de Deus e da defesa da Santa Igreja; ninguém lhe superara nesta nobre altivez com que defende os interesses daquele de quem é Vigário. Pouco depois de sua elevação ao Pontificado, tendo o governo francês da França aprovado leis atentatórias à liberdade e dignidade da Igreja, Pio X não duvida em cortar as relações diplomáticas, e como o governo ameaçara de não reconhecer os bispos nomeados por Roma, o Papa sagra 14 de uma vez e os manda como missionários a França, dispostos a derramar, se for preciso, seu sangue por Cristo e pela Igreja.

Ao iniciar-se a grande guerra, o embaixador da Austria vai ao Vaticano solicitar, em nome do Imperador, uma bênção para os soldados; o Papa que advinha os horrores e crimes da guerra, responde ao Embaixador: diga a seu Imperador que o Papa não abençoa a guerra, abençoa a paz. Digna resposta do pai comum da Cristianidade.

O título de «Ignis ardens» com que é conhecido Pio X, manifesta-se em todos os ramos da vida sobrenatural e disciplinar da Igreja. Condena herezias, como o Modernismo; reforma a música sacra, afastando da casa de Deus todo espírito profano; inicia a obra ingente da codificação do Direi-

(Conclui na 3a. página)

Com os absurdos: os Deputados

Paulo Logo

De vez em quando, para quebrar a monotonia em que vivem, surgem uns deputados com seus projetos de lei que constituem verdadeiras estroinices políticas. Esses nossos representantes, procedem como pacatos e inofensivos cordeiros que se transformam em feras. Escondidos, quase num ostracismo, de repente, fazem ouvir seus languidos gritos de repercussão, para eles, inteiramente desfavorável porque há olhos que, espreitam seus movimentos duvidosos. É a Imprensa esse vigilante, que se mantém atenta e implacável para revelar e criticar as finalidades berrantes e ilógicas dos que não fazem méritos ao sufrágio de seus eleitores. As vezes, ela encontra no Senado um forte aliado que formam uma barreira intransponível que rechaça ao devido esquecimento as ideias absurdas apresentadas à Câmara, em forma de projetos de lei.

Não são poucos os casos verificados dessas estirpes. Se reuni-los, formam um turbilhão incompreensível de asneiras e erros clamantes. Se os julgarmos devidamente ficaríamos em dúvida se se trata de simples falta de bom senso, ou propósitos visíveis de impatriotismo. Creio que não se na exagêro se assim o afirmarmos.

Dar-mos alguns exemplos para provar a veracidade do que dizemos, embora os leitores terão apenas uma pálida ideia do existente.

Recentemente, foi apresentado à Câmara, um projeto de lei, que trata de possibilitação de quaisquer diplomados de cursos superiores a exercer a função de magistério, sem ser preciso que os mesmos realizem quaisquer exames de competência, bastando a simples apresentação de seus diplomas. Esse projeto, encontrou na Imprensa, geral desaprovação, dado a sua imensa e prejudicial consequência que, afetaria não só os professores formados, como, o mais importante, atingiria o próprio ensino. Quebrar a o estímulo aos estudantes de Filosofia, que se especializam nas suas matérias, abrindo-lhes uma concorrência desnecessária e desfavorável, dos diplomados que não o são em Pedagogia. E, o que veríamos? Veterinários lecionando Português, Médicos lecionando línguas, Engenheiros lecionando Filosofia, Médicos lecionando Matemática, tal é a azáfama que adviria se passasse tão descabido projeto. Se é dessa maneira que procuram solucionar a crise do Ensino não compreendo por que há pro-

gresso no nosso país?

Também um de convergadura semelhante conseguiu passar no Senado, e mesmo, sancionado pelo Presidente. Todavia, examinaram minuciosamente o assunto, viram o erro em que mergulharam, e, como persistir no erro é satânico, resolveram criar um outro que neutralizasse os efeitos desastrosos que redundariam do primeiro. Esse projeto, é o que dizia respeito a reforma no ensino secundário, que seria efetuada em pleno andamento do ano letivo, criando, dessaarte, consideráveis, complicações nas diretorias dos educandários. Agora, a mentalidade turva de um deputado, fabricou um outro projeto que também, não podia deixar de causar reprovação por parte da sentinela dos interesses do povo. Promove esse projeto, diminuir as horas de trabalho dos comerciários cariocas, numa finalidade aberta de agradar aos eleitores do comércio. Parece razoável, a principio a tal medida, mas, se examinada devidamente, concluiríamos que não passa de mais um natural disparate emanado de um pseudo representante da nação. Os comerciários, teriam mais folga, e, os outros operários, mormente os da industria, que são mais numerosos, não teriam também o mesmo direito de um aumento de ócio? E, se outro político, se compadecesse, e criasse um outro projeto para nivelar os operários da industria aos operários do comércio? Teríamos uma igualdade, mas uma igualdade que significaria um decréscimo de rendimento, porquanto o rendimento de uma nação, está na dependência do trabalho de seus filhos. Examinemos um pouco a situação do Brasil, para vermos que não estamos absolutamente, em condições de nos entregarmos ao ócio. A situação mundial exige trabalho. E, o que procuram realizar os brasileiros, através de seus representantes? Diminuir as horas de trabalho? Pode haver algo mais catastrófico para uma nação? Só lamentamos é que ao lado das incomensuráveis riquezas do solo brasileiro, onde existe notável reserva de ferro, base da industria pesada, fabuloso potencial hidráulico, petróleo que divisa novos horizontes, campos férteis, etc., à ilharga, de todas essas riquezas, vemos o deplorável contraste das crises econômicas, das crises intelectuais, das incapacidades de trabalho.

Lamentamos porque da maneira com que os nossos representantes políticos encaram a situação, forçados somos a não chamá-los de outra coisa senão de coveiros, pois, o que vemos é que estão enterrando as nossas esperanças de melhores dias.

Infelizmente, a realidade nunca foi suave,

Conclui no 4a. página

O Morto que fala

Antônio Paulo Baabua

Não só considero a nossa língua com a mais bela, a mais formosa e a mais rica. Comparo-a a um imenso oceano de letras, cheio de maravilhosos tesouros.

Muitos dos que a falam, conhecem-na somente superficialmente, a algumas vezes, são jogados para lá e para cá, pelo inconstante dançar das ondas literárias. Outro grupo, o dos estudiosos não a querem conhecer exteriormente, e sim em todo seu âmago.

Sabem que a aventura é difícil, que é preciso possuir maior fôlego, e, com isso, elevam mais ainda aquilo que aspiram, que desejam conseguir. Esses arrojados aventureiros são os nossos escritores, os nossos gramáticos, os nossos letrados, que vivem mergulhados nas ondas da língua, mas bem prevenidos contra suas constantes agitações.

E, um dia, depois de caminhadas penosas, apoderam-se um pouco do tesouro linguístico, sentem dentro de si mais uma alma, outro ser que surge para o mundo cultural. Suas idéias são apreciadas, seus pensamentos e os frutos das suas imaginações passam a dominar as bibliotecas, os livros, jornais, revistas, levando a muitos, um pouco de seus conhecimentos, um pouco daquilo que lutaram para conseguir.

Um desses, é Humberto de Campos, afamado escritor patricio, cujo Diário Secreto, vem sendo publicado há seis meses, nas páginas de uma conceituada revista que, devido à iniciativa, vem recebendo grandes louvores por parte de seus leitores. O referido escritor, no diário secreto, não só expõe os episódios mais íntimos da sua vida particular e literária, como também os fatos mais interessantes e pitorescos da época em que viveu. Descreve diversas páginas dos pormenores da vida de vários colegas, grandes e significativos escritores da nossa língua.

Destaca com grande pericia, os episódios da Revolução de 30, e também o que demais importante acontecia na vida política e literária, devido ser não só acadêmico mas político.

Desde cedo, Humberto, dominado pelo perfume e encanto da nossa língua, começou a se destacar. Seus livros, escritos num português atrativo, algumas vezes, fugiam da trilha imposta pela moral cristã. Entretanto, os passos agitados da sua vida, a terrível moléstia que o consumia pouco a pouco e o seu amor as letras e aos livros, fizeram com que esse lado negro da sua existência ficasse apagado, ante aos inú-

meros méritos que possuía.

E assim viveu Humberto de Campos. Dono de uma modéstia sem par, já nos últimos anos de sua vida, dizia: «Nada fiz de sólido e duradouro, e, agora, nada mais farei. Sou em suma, um corço inerte pôsto à porta do templo das letras, a espera do carro fúnebre. A vida é um baile. Nesse Baile eu fui um lenço humilde que caiu ao chão e que os convivas pisaram. Fui inutilizado antes de recolher um beijo ou enxugar uma lágrima»

O Pontífice dos Pobres

Conclusão da 1a. página

to Canônico; funda o Instituto Bíblico Oriental e, concededor dos males produzidos pela ignorância religiosa, determina que todos os vigários dediquem especial atenção ao Catecismo.

Sua obra cume, a que maiores frutos espirituais havia de produzir, foi a propagação da comunhão frequente e até diária, abrindo a todos, crianças, moços e velhos, sacerdotes e leigos, os tesouros da Eucaristia, como único meio de inflamar os corações de amor a Deus e destruir o indiferentismo do século passado. A experiência está demonstrando a gran visão de Pio X. O ressurgimento espiritualista de nossos dias, é fruto da comunhão frequente. O próprio Papa teve a felicidade de ver os copiosos frutos da comunhão frequente recebendo, com emoção, milhares de cartas de crianças, e leigos, nas quais se agradecia, ao Papa da comunhão diária, obter patenteado a todos os tesouros da Eucaristia.

E assim oh Senhora da Glória, eternamente reconhecidos, possam todos os povos, proclamar-vos livremente, como Rainha, advogada e Mãe, pelos séculos sem fim!

Todos cantam sua terra...

Bordando os sopês de altas montanhas e, insinuando-se por coloridos vales, floresce na região serrana uma das mais importantes estações climatéricas do país, Miguel Pereira.

Alguns séculos atrás, Machadinho, ouvido pelo seu entusiasmo progressista, fez erguer quase que, exclusivamente, a sua custa, uma pequena capela, célula original da grandiosa Igreja de Santo Antonio que hoje, do seu pe-

destal domina o desenvolvimento ativo do centro comercial de Miguel Pereira, cujo maravilhoso clima delicia, todos os anos, mais de 5000 turistas, começou a atrair os primeiros fugitivos do verão carioca. Foi umas das primeiras localidades brasileiras a possuir iluminação elétrica, fato êste que devemos ao engenheiro Spina.

Possui êste lugarejo, hotéis confortáveis, casas de diversão, praças de esportes, jardins, casas bancárias etc...

Escrevendo sobre êste torrãozinho que faz parte do Estado do Rio de Janeiro, não podia deixar passar em brancas nuvens, a história de seu nome. Em 1951, o eminente brasileiro, médico e professor, Miguel Pereira, que deslumbrado com as elevadas montanhas e, graciosas colinas, com o clima são e ameno de estiva, cita a região em algumas de suas conferências médicas, chamando-a de Suíça Brasileira, o que tornou-a conhecida por todo Brasil como centro de uma região de clima privilegiado e, adequado ao repouso e turismo geral.

Foi erguido assim a êste insigne cidadão, um monumento vivo que, pelo esforço e dedicação de seus filhos há de se projetar na História, espelhando, com fidelidade o brilho e o valor daquele personagem de quem lhe veio o nome.

Ivo Fraga Conceição

Com os absurdos: os deputados

Conclusão da 2a. página

é sempre dura e pesada que faz curvar a os mais possantes ombros.

Procedimentos tão desastrosos, peculiares de alguns políticos, destroem a confiança do povo no regime democrático, causando terrível dano a uma nação que através de seus reais defensores parlamentares, luta para solucionar os muitos problemas que obstruem seu progresso.

Independência!

Aproxima-se o 7 de setembro, data em que se comemora a Independência do Brasil. Todos sabem que ficamos muito tempo como colônia de Portugal e, que inúmeros patrícios nossos, vendo as injustiças que faziam os administradores, tentaram, várias vezes, nossa

liberdade.

Tramavam conspirações para ver se saíamos do jugo da Metrópole, mas, infelizmente as traças eram dissolvidas e seus chefes tinham fins horríveis.

Um exemplo disto foi Tiradentes que, depois de morto, teve seu corpo esquartejado e pendurado em praça pública.

Finalmente, a 7 de setembro de 1822 fomos libertados de Portugal por um ilustre português, D. Pedro I, que às margens do Ypiranga deu o grito «Independência ou morte!». Nossa liberdade foi feita por um luzitano, mas graças ao nosso compatriota José Bonifácio de A. e Silva.

A êste cidadão brasileiro e, aos outros que tombaram pela nossa liberdade eu ergo meu viva.

Nelson L. Lyra

Estranhas sensações

Desabituaado da Cidade Maravilhosa, tanto tempo permaneci no Colégio São José, de que começo a sentir saudades, eis me estupefato diante dos problemas do trânsito e das dificuldades que um mortal tem de enfrentar para conseguir condução. Assim, prefiro usar o «landopé»... E andando a pé, posso melhor observar as reações do povo, alma encantadora das ruas. Sim, só quem anda pelas ruas desta cidade imensa pode colecionar sensação aos milhares, reunindo subsídios para quantos livros entenda de escrever. Basta, para tanto, observar e tomar nota, registrar, sobretudo, pois a memória é impotente para conservar de modo preciso as impressões que se colha e conclusões que se tire dêste ou daquele acidente ou incidente de rua.

O bonde, então, é um repositório inexgotável. Passageiros ranzinzas, passageiros amáveis, conversadores, implicantes, burros, inteligentes. Tipos de todos os matizes.

Veja-se, por exemplo, o caso desse indivíduo que tomou, há dias, o mesmo bonde em que eu vinjava.

Miseravelmente vestido, trazendo pela mão um saco rôto e uma lata vazia, era mendigo sem dúvida. Grudou-se ao balaustre, lá pela altura do Largo do Estácio, e começou logo por adeantar, em vozes altas, que não pagaria nada. O condutor que o viu, nem quis discutir. Sentiu que se tratava de conta incobrável, contra impagável, digamos assim. O assunto estaria encerrado, mas o estranho «carona» continuou a arengar:

«Eu não sou brasileiro! Isto é terra que se use? Minha terra é o inferno: Eu sou o diabo!»

Ninguém lhe perguntava coisa alguma, mas as palavras brotavam como se estivesse sendo interpelado.

«O bom não existe! Homem não! Eu sou mau toda vida!»

E frisava com força e com raiva: Eu sou o diabo! Eu vim do inferno. Já o bonde, São Francisco, se aproximava da Escola Politécnica, rumo ao Largo, quando o homem saltou sob os olhares espantados dos passageiros e o olhar aliviado do condutor.

Acompanhei-o, atravessou celeremente o Largo e caminhou em direção da Igreja. Eu, curioso, não o perdia de vista. Entrou na Igreja. Jogou para o lado da pia de água benta, o saco e a lata. Fez o Sinal da Cruz e ajoelhou-se. E rezou, rezou contrita, fervorosamente. Eu o vi rezando, por incrível que pareça. Deixou-se ficar ali uns 3 minutos e saiu. Enveredou rápido pela Rua do Teatro. Desapareceu. O saco ao ombro, a lata à mão.

Este quadro que presenciei estarrecido. Alé agora, passados uns dez dias, pergunto a mim mesmo e indago de toda gente como podia aquele homem ser do inferno, porque se dizia o diabo? Como? Por que?

Louco? Alguma vítima do classico «drama da vida»? Por que?

Certo é que vale a pena a gente andar pelas ruas desta cidade imensa, a pé ou de bonde, a colecionar estranhas sensações como esta que senti e que agora venho contar para vocês, sem lhe acrescentar uma vírgula sequer.

Sem lhe acrescentar um ponto, a não ser aquele de que necessito agora: o ponto final.

Do Grêmio

Teve lugar, no dia cinco do corrente, às 19 horas, mais uma sessão do Grêmio Literário Pe. José de Anchieta, no «auditorium» do Colégio. A finalidade da reunião, foi prestar uma homenagem à Semana da Pátria. Embora fosse restrito o número de alunos presentes, foi aberta a sessão pelo presidente do Grêmio, Paulo Lago, seguindo-se a leitura da ata da reunião anterior, pelo novosecretário, João Lyra.

Com simplicidade, foi lembrada pelo aluno Paulo Lago, o sentimento nativista que culminou com a nossa independência. Finda sua

preleção, passou a palavra ao aluno Dálmo Ochsendorf, do 3º ano científico que versou com desembaraço, sobre o tema, «7 de Setembro». Dando prosseguimento a solenidade, o estudante Olney Freitas Bastos apresentou seu trabalho sobre o patrono do Exército Brasileiro, exaltando-o. Impedido de comparecer, a oração de Olney foi lida brilhantemente pelo estudante Alfredo, do 1º ano científico. Em continuação, fez-se ouvir o orador do Grêmio, Antonio Basbus que explicou sobre a figura de Tiradentes. Após, leram algumas páginas de nossa História, os alunos Paulo Jorge Felipe, José Raul Machado e Eloy Rocha, que se houveram bem nas suas incumbências. Finalizando a série de oradores, ouvimos ainda o professor Enzo Desiderati que ressaltou sobre D. Pedro I.

Encerrando a sessão, o presidente do Grêmio, em seu nome e nos demais membros da Diretoria, agradeceu o comparecimento de todos presentes, e, muito especialmente dos dois componentes do Corpo docente do Colégio, Enzo Desiderati e Demerval Moura, que nos honraram com suas presenças.

Assim cumpriu o Grêmio Literário Pe. José de Anchieta, um dever cívico para com a Pátria.

Lyra

A luta pela vida

Paulo Madsen

Na luta pela vida é comum encontrarmos indivíduos que, apesar de possuírem as mais fortes armas, se deixam vencer por um desânimo verdadeiramente desolador.

Quando crianças, não tinham uma ideia aproximada, ao menos da fria realidade das cousas. Fles viam o mundo pelo lado delicioso e julgavam-no uma sequência de delícias, palpitante de gózos infinitos. Passaram a primeira infância dominados por esta doce ilusão e ainda embalados por este esplêndido sonho, transpuseram os umbrais da segunda infância.

O papai e a mamãe cercam-nos de mimos e carícias. Nada lhes faltava. Desconheciam a figura trágica e apavorante da necessidade irremediável. A miséria para eles não existia senão metida nos andrajos dos mendigos que de quando em quando, lhes batiam às portas. A fome e o apetite eram, para eles, expressões de um único fenômeno. E assim inteiramente alheias a vida, na sua acepção

verdadeira, com todos os seus prazeres, atravessam, lépidos, sádios, nédios, o período róseo que lhes deu acesso à mocidade, na legitima significação científica do termo.

Quinze anos pleno esplendor da mocidade! Um novo sol mais radioso, desponta a iluminar a tortuosa estrada da vida!

E' precisamente nesta bela quadra que a vida, até então como que simplesmente embrionária, desabrocha à semelhança d'uma flor. Que magnifico horizonte aparece ao homem no vedor da mocidade.

No entanto, os desanimados que hoje atingiram a adolescências em ter quem lhes abrisse os olhos para a amarga realidade do mundo, ébrios de ilusões, deixaram que este sol tombasse no acaso; que o horizonte magnifico se apagasse, sem aproveitar os clarões desta alvorada de ouro!

E com efeito, profundamente triste tudo isto!

Não viram, estes que hoje se consideram vencidos, na maioria dos casos falsamente, que é exatamente na mocidade que o homem deve pensar na realização de certos e determinados projetos pelos quais lhe seria dado reunir os elementos constitutivos do futuro, segurança do próprio bem estar.

A alegria todos o sabem—é a vida, é a felicidade. Ser alegre é ser feliz. E' inquestionavelmente na mocidade bela e forte, na mocidade iluminada, que o homem experimenta a alegria de viver.

Mas para que dessa alegria sejam experimentados todos os surpreendentes efeitos, é imprescindível, que o homem entre decididamente na luta pela vida alicercando-se para a velhice, preparando-se para alcançar o absoluto sossêgo de espirito, que é a garantia do dia de amanhã.

Portanto, em resumo de tudo isto, aproveitemos bem os nossos dias escolares para que tenhamos a tranquilidade no futuro.

Negro

Manoel Luiz

Negro

que vens do passado
da noite da escravatura
onde o «tronco» ensanguentado
tinha o cheiro da tortura

Negro
que eras vendido
como gado, numa praça
quando o branco desalmado
desprezava a tua raça

Negro
tu que vens trazendo
a côr da terra nos pés
que nos legaste a macumba
orixás e candomblés

Negro
quando tu me falas;
eu não sei, negro, por que?
Lembro o páteo das senzalas,
onde dansaste o «Jaré»

Negro
quando eu te vejo
livre, hoje, como és,
eu lembro o negro que foste,
de corrente presa aos pés

Negro
escravo que lavraste
a terra do branco mau
Negro, tu que suportaste
os vergões do «bacalhau»

Negro
foste tu quem deste
ao Brasil a côr de Jambo
esta côr que tu trouxeste
da torura do libambo.

Negro
tu que vens de longe,
das ruínas, dos escombros
isolado qual um monje
trazendo o Brasil nos ombros

Negro
humilde que vieste
da dança pelos terreiros
o heroísmo tu deste
ao sangue dos brasileiros

Negro
de braços tão fortes
qual guerreiro varonil
êstes versos te ofereço
pelo Povo do Brasil

“Se a família subsistir nas suas bases cristãs,
tudo será salvo”.

PIO XII

Recordar é viver

Já que nos propusemos escrever para Cultura, vamos recordar do bom tempo de Ginásio. Falemos de alguns ex-colegas e mestres. Para início de conversa, lembramo-nos de uma prova com o Professor Barcelos na qual o colega F.H. de P.M. escreveu que «o homem é o animal mais adiantado da classe geológica». Isso é para vocês verem que burrisse não é apanágio dos atuais alunos.

Depois vem a história do sonambulismo. Foi assim: Estávamos no dormitório à meia luz. Leitão, o diabo louro vassourense, levanta o traveseiro para atirar num colega e quando vai jogá-lo, depara com o Pe. Tomás (hoje Monsenhor) que entrava rezando o seu habitual terço. Só havia um jeito. Era bancar o sonâmbulo. Foi o que fez. Fechou os olhos e partiu direto em direção ao Pe. Houve o encontro e, conseqüentemente, a encenação do despertar repentino. Pe. Tomás, muito solícito, conduziu-o à cama e nós que assistíamos à cena, tivemos que morder o traveseiro para não rir...

Esta aconteceu conosco. Prova parcial de História. Ninguém sabia nada além do ponto número quatro. Nós, um dos alunos mais afoitos, fomos destacados pela turma para levarmos o dito cujo na mão. Na hora de metermos a mão na cumbuca, Pe. Tomás desconfiou e mandou que abrissemos a mão. Foi a conta. O papelzinho caiu. Levamos uma enorme descompostura, e, Nilo. Maia foi chamado para tirar novo ponto. Desolação geral... Notas baixas em perspectiva... Nilo mete a mão na cumbuca e... sai o ponto ansiosamente esperado, o bendito ponto quatro. (É que na Secretaria haviam colocado novos pontos). Os colegas se entreolharam... Não era possível tanta sorte. Todos escreviam menos nós. Foi preciso que Pe. Tomás insistisse para que escrevêssemos. Quando já estávamos no meio da prova Pe. Tomás chuta o papelzinho e resolve apanhá-lo. Abriu-o, mirou-o bem e só teve um comentário: QUE SORTE!.. Bem, por hoje é só. Se gostarem voltaremos no próximo número.

José Barra Sobrinho

Os alunos e a mulher

A impressão do homem sobre o sexo frágil é um eterno e muito discutido tema, que apre-

senta as mais complexas discordâncias. Entretanto, no selo do terceiro científico, numa enquete sobre as filhas de Eva, encontramos visível concordância, ou quem sabe, prova patente de que os homens não entendem nem as mulheres nem eles mesmos. Bem, vamos à enquete:

José Maria A'vila: «Não gosto de falar em calamidades», foi a frase lacônica, mas expressiva, deste aluno.

Dalmo Ochendorf: «Deixo de lado as coisas mesquinhas, por isso também não opino»

João Batista Lira: «Para mostrar que o mundo é imperfeito, Deus criou a mulher como um exemplo, magnífico, de imperfeição».

Kleber Duque: «O homem não foge da mulher, igualmente porque não é a cruz que foge do demônio.»

Darnley Moreira: «A mulher é o Demo que nos faz entrar no inferno pela porta do paraíso».

Luiz França: «A mulher é como um violão, muito bonito, muito bem talhado, mas... sem corda.»

Gersy Giesta: «Minha opinião é a mesma do França. Sempre falta alguma coisa nas filhas de Eva, como se fossem cadillacs, rabos de peixes, mas... sem gasolina.»

Telmo Ochendorf: «São casulos que se metamorfoseiam em borboletas, e depois contrariando as leis da natureza, se transformam em bruxas.»

Paulino Felipe: «Vaidosa, orgulhosa, invejosa e mentirosa, eis os quatro adjetivos que para ela significam o que as quatro liberdades significam para o homem.»

Enestino Bastos: «Sempre gostei de economizar tempo, por isso nunca reclamei da mulher.»

Paulo Lago: «Parodiando Coelho Neto, se num homem houvesse um mundo, o céu deste mundo seria a mulher, um céu escuro, repleto de nuvens ameaçadoras.»

Tudo parece que está claro, não é? Parece positivado o menosprezo dos alunos pelas representantes do sexo oposto, não é? Agora, caros leitores, observem, num domingo à noite, os jardins, ou a artéria principal da cidade, se não encontrarão êsses entendidos supra, passeando, sorridentes e alegres, e, passem, com suas respectivas namoradas?!

Quadro de Honra

dos alunos do

Colégio Valenciano São José

Agosto de 1951

CURSO PRIMÁRIO

1º Lugar —	Nelson Martins Duarte	7,5
2º "	Acácio dos Santos Pinheiro Ferró	7,0
3º "	Ronald Barroso	3,7
4º "	Luiz Adolfo Duboc da Cruz	6,5
5º "	Paulo Antonio Wernçok Lacerda	6,3

CURSO DE ADMISSÃO

1º "	Takashi Shimoido	8,3
2º "	Milton Araujo	7,7
3º "	José Aluzio Gomes Barbosa	7,3
4º "	Carlos de Souza Viçô	6,7
5º "	Luiz Carlos de Lacerda Guimarães	6,7

1a. SÉRIE A — INTERNOS

1º "	Paulo Orlando G. Albuquerque	8,6
2º "	José Americo de A.B. Incourt	8,4
3º "	Francisco Serra Barilotta	6,6
4º "	Nelson Luiz de Oliveira Lyra	6,6
5º "	Odilon Geraldo dos Reis	6,2

1a. SÉRIE B — EXTERNOS

1º "	Durval Lopes Conceição	8,9
2º "	Ruy Perotti Barbosa	8,5
3º "	Ely Silva Valente	8,3
4º "	Francisco Arthur de Abreu Chagas	8,3
5º "	Wander de Castro Nunes	8,2

2a. SÉRIE A — INTERNOS

1º "	Luiz Coelho de Mello	7,4
2º "	Evio Ribeiro Marques	7,3
3º "	José Valente Silva	7,2
4º "	José Alceu de Oliveira	7,1
5º "	Laudenir Ferroira	6,9

2a. SÉRIE B — EXTERNOS

1º "	Ruy Paulo Soares	8,0
2º "	Francisco Romano Conceição	7,8
3º "	Antonio Carlos de Araujo Lago	7,6
4º "	Getulio F. de Vasconcelos	7,6
5º "	João Fausto de Magalhães Junior	6,9

3a. SÉRIE

1º "	Rubem Augusto Taveira	8,5
2º "	Murilo da Silva Bastos	8,8
3º "	Alvaro José de Souza	7,7
4º "	Flávio Gonçalves de Oliveira	7,2
5º "	Roberto Fernando de Carvalho	7,0

4a. SÉRIE

1º "	Wilson Guimarães Moreira	9,3
2º "	José Ferreira de Azevedo	9,2
3º "	Antonio José Bravo	8,4
4º "	Miguel Carlos Farah	7,9
5º "	José Manoel Carneira Macieira	7,4

1º CIENTÍFICO

1º "	José Raul da Costa Machado	8,3
2º "	Tarcício de Ávila Rodrigues	8,0
3º "	Eloy Rocha	7,9
4º "	José Carlos Grijó	7,9
5º "	José Tabet	7,9

2º CIENTÍFICO

1º "	Herbert Guarini Calhau	8,0
2º "	Antonio Paulo Basbus	8,0
3º "	Neydo Reis Aguiar	8,0
4º "	Gilson Magalhães Silvanin	6,6
5º "	Helio Faria	6,6

3º CIENTÍFICO

1º "	Darley Leal Moreira	8,9
2º "	Luiz França Ramalho Pinto	8,3
3º "	Paulo Fernando Lago	7,9
4º "	Dalmo Ochsendorf	7,8
5º "	Ernestino Bastos	7,7